

# Cinema Moçambicano (VII)

## KANEMO

# Um projecto de cinema

Kanemo é uma empresa brasileira de cinema que neste momento está a fazer um filme sobre a desestabilização sul-africana na África Austral, nos últimos 20 anos.

Entrevistaram-se todos os chefes de Estado da Linha da Frente, Oliver Tambo e Sam Nujoma.

Mário Borgeth, seu realizador, tinha deixado o «dono da casa», o Presidente Samora Machel, para o fim deste mês.

Demasiado tarde. O filme terá de ficar incompleto.

### A KANEMO

Criada oficialmente em Abril de 1983, a Kanemo surgiu do desenvolvimento da sociedade moçambicana, em que as necessidades do mercado quanto a cinema, são muito maiores do que a capacidade de resposta do INC.

Dirigida interinamente pelo brasileiro Labi Mendonça — enquanto se prepara um director nacional — e tendo como associadas a SOCIMO e a produtora Austra, do Rio de Janeiro, onde Ruy Guerra é sócio-gerente, e também o INC com 10 por cento de capital, a Kanemo, além de formar quadros moçambicanos, já produziu 7 filmes e vários audiovisuais e diaporamas.

«Na verdade a Kanemo e o INC, como produtores, são a mesma coisa — explica Labi. Têm administrações distintas e objectivos específicos. Nós somos um instrumento para as pessoas de cinema produzirem filmes. Mas a maioria dos cineastas moçambicanos ainda não entendeu isso e não se serve dessa possibilidade.»

A Kanemo atende encomendas do sector estatal, privado e estrangeiro, sempre com imagens

controladas pelo Instituto Nacional de Cinema.

«Afinal, foi isso que motivou a sua criação — continua Labi — atender a uma demanda de encomendas a que o INC não consegue dar vazão.»

E não consegue porque não tem quadros suficientes, nem tempo, nem materiais, nem transportes. Os cineastas são poucos, carros quase não existem, o laboratório não revela filmes coloridos, o cinema móvel já quase não pode sair da cidade.

Para Labi Mendonça, o cinema moçambicano está ainda numa fase de gestação. «É como o planeta terra quando há milhões de anos começou a se resfriar e a tomar forma. Está num processo de gestação e tenho a certeza de que nascerá.»

### UMA FORÇA IMENSA

Para Labi, o cinema moçambicano já passou a sua primeira fase, a de fascínio pelo brinquedo que ainda não sabe utilizar e que durou até 1981.

Agora tenta dominar a máquina e a técnica, tirar proveito do que existe seja bom ou mau. «Haverá depois uma 3.ª fase, que vai ser a do domínio da linguagem da dramaturgia, em que a produção já está em seu curso normal e o cineasta começa a existir como comunicador, preocupado com o que vai dizer e como dizer coisas ao público. É um processo que tem de passar pela quantidade de produções, boas ou más, até atingir a qualidade comunicativa. Aí pode existir apenas um filme, mas sua força será imensa.»

Fazendo um balanço destes onze anos de cinema, podemos concluir que muito se avançou já, ape-

sar de todas as dificuldades do processo.

Em 1980 a direcção do INC orientada pelo então Ministro da Informação José Luís Cabaço traça orientações para todo o sector da produção, tanto na área escrita como na imagem. Cineastas e jornalistas foram chamados a assumir o seu papel na luta de classes.

«Precisamos de fazer com que cada câmara de filmar seja apontada como uma metralhadora nas mãos de um soldado das nossas FPLM» — disse, na altura, o então Ministro José Luís Cabaço.

Nesse ano — produziram-se no INC 25 documentários e uma longa metragem — recorda Labi — Foi um salto de 700 por cento em produtividade.»

Labi Mendonça fora trazido do Brasil por Ruy Guerra, assessor da direcção do INC, juntamente com outros técnicos brasileiros, para apoiar a formação de quadros moçambicanos.

Falando acerca dos técnicos que ajudou a formar, afirma: «No mundo inteiro o cinema foi sempre um meio dominado pela elite burguesa, posto que é uma arte altamente sofisticada. Aqui, nós não temos essa elite, mas temos aqueles que são oriundos da pequena burguesia do tempo colonial e que são os melhor instruídos. E temos também os que advêm do proletariado, ou do campesinato, directamente para o cinema. Os dois grupos têm contradições internas, de falta de formação e de informação. E são todos muito jovens. Por um lado isso dificulta a sua formação técnica, por outro não permite que tenham rapidamente uma compreensão clara do seu papel e da

sua importância, no momento histórico actual.

Alguns já atingiram níveis técnicos muito bons e agora vão em crescente evolução, pela prática. Mas isso é muito pouco para um país com as necessidades de Moçambique. Além desses, há um grupo que está no cinema como poderia estar em qualquer outra actividade. Esses, talvez não possam ir muito mais além. Mas o processo deve estar sempre a fazer novos quadros, para que haja evolução. E deve existir competição para evitar que, sem estímulo, o indivíduo estacione.»

### O «MILAGRE BRASILEIRO»

Falando acerca da sua formação, Labi conta que no cinema entrou pela porta da ilustração gráfica. Virou-se depois para a produção de audiovisuais, trabalhou com som e com fotografia na Zoom, uma empresa onde Ruy Guerra produziu «A queda», o filme que lhe trouxe o Urso de Prata, em Berlim. Nessa altura, em 1976 era tempo de grande repressão, no Brasil.

Uma censura feroz levou ao exílio e à prisão centenas de intelectuais, cineastas, jornalistas, cantores, homens de teatro e da rádio.

Havia excesso de produção no mercado, o povo morria de fome, mas o ministro Delfim Neto agitava a bandeira do «milagre brasileiro» para consumo externo.

Em cinema, os filmes eram cada vez mais alienantes. Começa-se a resvalar para os grandes comerciais, para as pôres chanchadas que não incomodavam o sistema. A maior parte dos técnicos e cineastas volta-se, então, para a publicidade. «E foi esse o meu caminho — diz Labi — ali há um estímulo e tem de haver uma resposta imediata. Gostei. Para mim, publicidade é como um orgasmo apressado. Dá um prazer imediato.»

### AS PIRAMIDES DE PEDRA

Quando em 1980 Labi Mendonça chegou a Moçambique com a tarefa de apoiar a reestruturação do INC, deparou-se com um proble-

ma: a necessidade absoluta de se encontrarem gestores para darem resposta a cada área de produção.

«E que o INC filmava imenso, mas nunca acabava seus filmes. As pessoas ainda não tinham um trabalho definido, não havia estrutura para um ritmo de produção mais intenso. Haviam-se formado já alguns realizadores, como Camilo, Funcho, Caldeira, Vuvo, Chabele, José Baptista, Sol de Carvalho, Moira Forjaz. Cardoso, esse, sabia muito mas faltava-lhe certa arrumação de conhecimentos. Foi preciso algum tempo e um curso sobre produção executiva para que as pessoas entendessem que, sem uma estrutura preparada, não se podiam produzir vários filmes ao mesmo tempo. Tínhamos chegado à conclusão de que, se no ano de 1981 o INC deu tão grande salto na produtividade, foi porque tinha um capataz profissional em cada área de formação. Sei que é uma palavra com má conotação, mas temos que perder o receio de falar nela. E necessário assumir que é preciso ter-se um especialista para fazer as coisas avançarem. Aquele que encaixava as peças umas nas outras.

Foi nessa altura que surge a Kanemo, como uma empresa privada destinada a aceitar as encomendas que o INC não pudesse atender.

«A meu ver — afirma Labi — o INC deveria acabar, como funcionalismo público. Existir apenas como política de informação para apoio do trabalho e gestor de finanças dos filmes. Em separado haveria então uma empresa de laboratórios, outra locadora de equipamentos, uma de cinema móvel, o kuxa etc. Todos independentes. Acho a estrutura actual paternalista e prejudicial a esta etapa do processo, pois o cineasta e o técnico estão ficando funcionários públicos e burocratas. Os gestores estão virando pirâmides de pedra. A meu ver, o INC deveria deixar de existir como é e os profissionais passariam a viver da sua produção.»

### DEGRADAÇÃO DE RECURSOS

Labi recorda que, a princípio, houve certa hostilidade da gente do cinema moçambicano para com a Kanemo, mas que essa fase já passou. Agora trabalha num livro sobre a história do nosso cinema, cujo processo conhece bem.

«Neste momento, aqui, acho que temos dois grandes problemas: Um, fazer com que os filmes cheguem ao público e outro, a degradação dos recursos, pelo uso pouco cuidadoso que deles se tem feito. Acho que um trabalhador de cinema que utilize irresponsavelmente esses recursos deveria ser punido com o máximo rigor. Eu, até hoje, tenho tido muitas inimizades pela agressividade com que tenho lutado contra esse problema. Acho que os chefes de sector têm de ter permanente vigilância para minimizar os desgastes das máquinas. Penso que a maior contribuição que um técnico estrangeiro pode trazer, aqui, é o ensino de método e de organização. Temos que ter a consciência de que somos uma pedra para pavimentar a rua e não usar as nossas insuficiências como eterna desculpa.»

Falando acerca do filme que agora está a ser rodado e que deve ficar pronto em Dezembro, Labi explica que é uma história que começa e acaba em Moçambique, e que só foi possível graças ao apoio recebido do Partido e do Estado e à boa vontade dos outros governantes da Linha da Frente.

«Tentámos contrapor a desestabilização da África Austral aos projectos dos movimentos de libertação e do desenvolvimento dos países, após a independência. É uma longa metragem a cores, que orça os 600 000 dólares e está a ser financiado pela Kanemo, pelo INC e também por entidades privadas. Foi iniciada em Julho de 1985 e está a ser filmada em zonas de guerra, em Manica, Sofala, Tete e na Zambézia, pois é aí que se processa também o maior esforço de reconstrução nacional. Penso que neste momento esse filme é muito importante.»

TERESA SA NOGUEIRA